

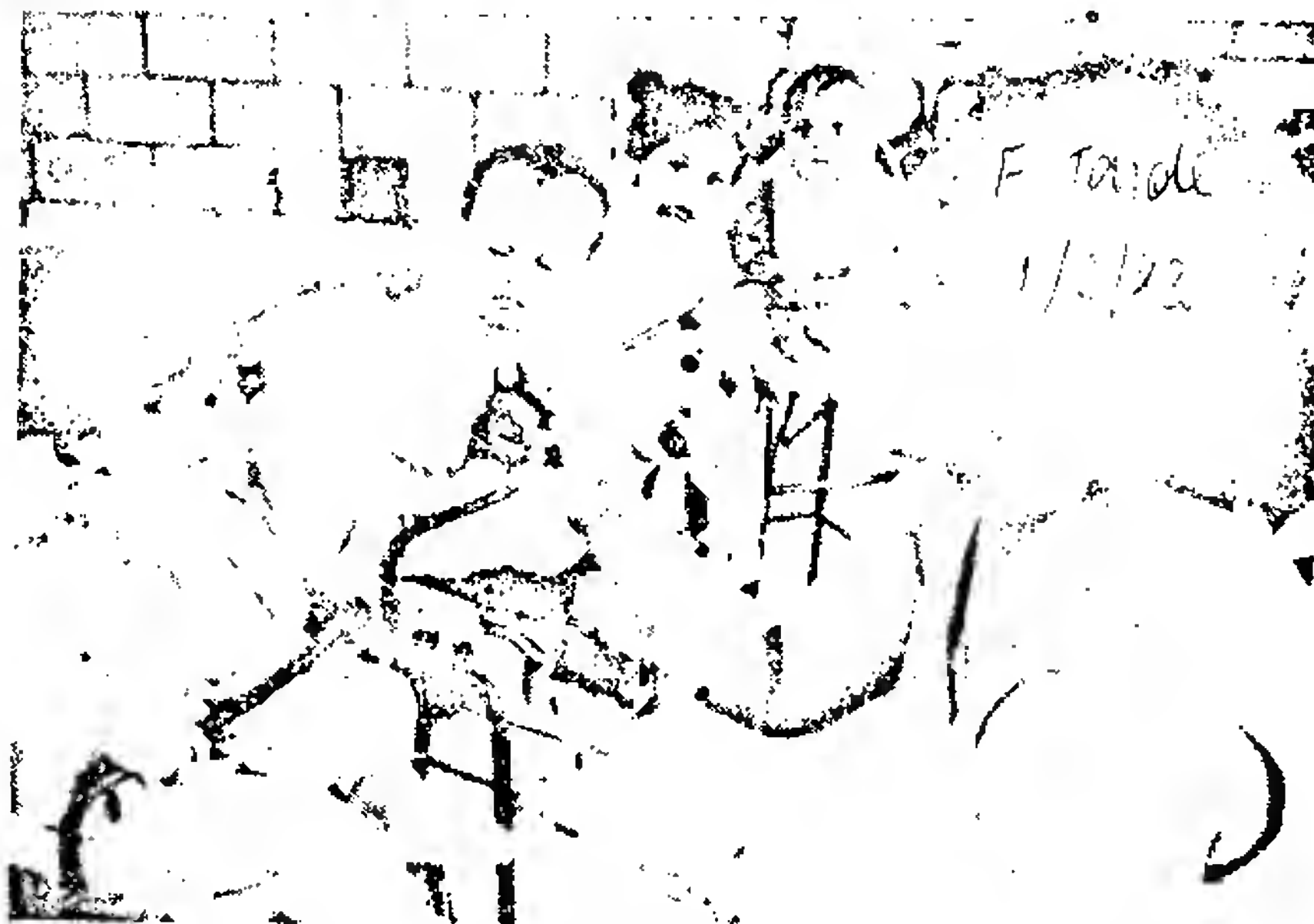
PREVISTA A CONSTRUÇÃO DE MAIS 300 CRECHE

"Quando assumi eu nem sabia o que era creche", confessou recentemente o prefeito Reinaldo de Barros. "Agora já fizemos mais de 100 e temos um programa para construir 300 até o fim de nossa administração, cumprindo um programa de grande abrangência social, que vai atender especialmente às populações mais carentes da periferia", acrescentou.

De fato, desde os primeiros dias de sua gestão na Prefeitura — iniciada há dois anos e meio — uma das principais reivindicações da periferia, através do Movimento de Creches, deputados, vereadores e outras entidades, era justamente a construção de creches.

O prefeito ouviu os apelos e até agora o programa de creches já foi cumprido pela metade (113 unidades já foram inauguradas), atendendo a aproximadamente nove mil crianças, pertencentes às classes mais baixas da população. Sua "relevante função social" é reconhecida por todo mundo, até mesmo pelos seus adversários.

O Movimento de Creches, pais e políticos, contudo, fazem restrições à forma como são administradas as creches, denunciando a existência de uma "máquina administrativa" implantada pela Coordenadoria do Bem-Estar Social, que "afasta a comunidade da participação e acompa-



Até agora, 113 unidades já foram inauguradas

nhamento das creches e "promove politicamente o prefeito".

O deputado Sérgio dos Santos, do Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, diz que "as diretoras são obrigadas a rezar pela cartilha do prefeito e se não fizerem isso acabam sendo demitidas". O Movimento de Creches afirma, entre outras coisas, que "alguns prédios são mal construídos e não comportam o número de crianças anunciado pela Prefeitura, além de faltar funcionários na maioria das creches".

O coordenador da Cobes, Wilson Quintela, considera válidas algumas críticas, mas nega que "o prefeito esteja usando as creches para se promover

politicamente". Ele garante, ainda, que "o programa é irreversível" e deverá ser cumprido integralmente.

Alheias às discussões, as mães que têm seus filhos nas creches se consideram satisfeitas. Julinda da Rosa, moradora próxima da av. Cupecê (Santo Amaro), diz que "as creches são ótimas. Melhor que isso não precisava".

TEATRO NAS CRECHES

A partir de hoje, um grupo composto de 11 atores da Companhia Paulista de Teatro dará início a uma série de apresentações nas creches municipais, desenvolvendo temas ligados a assuntos de interesse imediato para as crianças e a comunidade onde vivem.

Com isso, a Coordenadoria do Bem-Estar Social pretende reforçar os hábitos de higiene pessoal, saúde, alimentação e as atividades de cunho pedagógico já incluídos na programação básica das creches. Informou o coordenador Wilson Quintela Filho.

As dramatizações envolverão questões referentes, por exemplo, a doenças infantis e contagiosas e prevenção de acidentes, ou procurarão despertar nas crianças o interesse pelo estudo, trabalhos manuais e profissões diversas. Haverá, ainda, teatro de fantoches, música, jogos e muitas brincadeiras.

Como a iniciativa visa atingir não apenas as crianças, mas também a comunidade como um todo, as mães e funcionários das creches serão convidados a participar das encenações com os atores. O grupo teatral encarregado das apresentações defende a tese de que durante as improvisações surgirão as soluções para os vários problemas do dia a dia da comunidade.

De hoje até 29 de março próximo serão feitas 37 apresentações com duas horas de duração, que deverão ser assistidas por 2.500 crianças que frequentam as creches da Zona Sul da cidade. Mas esse programa de lazer não termina aí, devendo ser estendido até o fim do ano a todas as creches municipais, construídas em diferentes pontos da cidade.

F
**Governo quer coibir
abusos com creches**
F/SP 1/2/82

BRASÍLIA — O Ministério do Trabalho está preparando uma portaria com a finalidade de "exterminar" as creches-fantasma. Segundo técnicos da Secretaria de Relações do Trabalho, a grande maioria das empresas dos centros metropolitanos realizam convênios com creches inexistentes ou que não têm condições de abrigar todos os filhos das trabalhadoras. Com a portaria, que será assinada brevemente, esses convênios só serão homologados depois de vistorias nas creches e berçários por fiscais do Ministério.

Os técnicos dizem que as empresas, para cumprirem a legislação trabalhista, contratam creches distantes do trabalho ou da moradia das empregadas, o que força a sua não utilização. Os convênios chamados de "sem berço", significam que a empresa paga uma quantia mínima para os berçários somente para comprovar, em caso de fiscalização, que obedecem à legislação. Se uma mãe desejar colocar seu filho na creche, não encontrará um berçário.

Até então, o Ministério do Trabalho não tinha ingerência sobre os equipamentos das creches. Ele só podia atuar a nível de empresa. Com a nova legislação, esse tipo de fraude deverá desaparecer, mesmo porque cada registro de convênio nas DRTs terá a validade de apenas um ano.

Debatida a implantação de creches no Butantã



Empresários do Butantã e membros do GAP

Empresários da região do Butantã reuniram-se, ontem no Palácio Bandeirantes, com membros do GAP — Grupo de Assessoria e Participação — a fim de debater e entrar medidas para a rápida implantação do Projeto "Marco", que prevê a instalação nesse bairro da primeira unidade de creche-mãe.

Na oportunidade, o eng. Roberto Paulo Richter, que é o presidente do GAP e do Conselho de Administração do Projeto "Marco" — Multiplia Ação Regional Comunitária, explicou como funcionarão as 50 creches que o projeto instalará nos distritos da Capital.

Tais creches serão mantidas, exclusivamente, pelos empresários, pois o que se propõe — segundo Richter — é retirar delas todas as conotações políticas ou empreguismo governamental. As creches serão gerenciadas pelos empresários, que, além de participarem das cotas de instalação, fornecerão elementos humanos (como contadores, advogados, escriturários etc), a fim de permitir o seu funcionamento compatível com as necessidades da população do bairro. Essas creches serão instaladas em áreas cedidas pela Prefeitura de São Paulo.

A PRIMEIRA

A primeira unidade de creche-mãe já está sendo erguida no bairro do Butantã (Jardim Nambu), nas confluências das ruas "Dois" e "Três", que passarão a se denominar ruas Prof. Antônio Bernardes de Oliveira (ex-presidente do GAP/Hospital das Clínicas e da Secretaria de Higiene, da Prefeitura), e Jornalista Mário Wilches, respectivamente.

Os trabalhos de terraplenagem e assentamento das fundações foram iniciados e a conclusão das obras está prevista para fins do mês de março.

Essa unidade de creche-mãe atenderá a 150 crianças do bairro, na idade de zero a seis anos. O material está sendo fornecido pelos empresários.

Enquanto as mães entregam suas crianças às creches, elas próprias cuidarão da limpeza do local e poderão ainda executar tarefas artesanais, que permitirão melhorar o seu orçamento doméstico.

Segundo explicou Roberto Paulo Richter, o que o Projeto "Marco" pretende é desenvolver em São Paulo o sentimento da força do Produto Interno Comunitário.

O Projeto "Marco", tal como está sendo implantado, é uma entidade civil, sem fins lucrativos. O seu presidente do Conselho de Direção é o empresário Theobaldo de Nigris, e o do Conselho Consultivo, o empresário Roberto Maluf.

PRESENTES A REUNIAO

Participaram da reunião os empresários Renato Costa Lima, Rafael de Souza Noschese, o secretário de Comunicações, José Olavo Diniz; Alberto Barbur, delegado do 34.º Distrito Policial; Roque Bachirino, coordenador de Polícia Comunitária do 34.º Distrito; Ivo Carotini, administrador regional do Butantã, major PM Silvio Ricci, subcomandante do 16.º BP, e Luis Fernando Pinto, vice-presidente da Legião Brasileira de Assistência.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *C. S. S. S. S.*Data: *04/02/82*Pág. *34*

Pasta n.º

N.º do recorte

EST SP. 04/02/82
Carnaval terá
desfile de 600
menores da Febem

Mais de 600 menores da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, Febem-SP, entidade vinculada à Secretaria de Estado da Promoção Social, integrantes do Bloco Maravilha, desfilarão no sábado de Carnaval, com o samba-enredo "A Criança", disputando na categoria dos blocos pleiteantes.

No próximo sábado (dia 6), às 13 hs., na UE-2, à Rodovia dos Imigrantes km 11, o Bloco Maravilha que estreou no Carnaval paulistano no ano passado e que agora já concorre com outros blocos de São Paulo, fará um de seus últimos ensaios gerais, reunindo crianças e jovens de diferentes Unidades de São Paulo, São Vicente, Batatais e Guarujá que compõem as diversas alas e a bateria da agremiação.

O Bloco Maravilha apresentará fantasias e alegorias de mão, nas cores amarelo, azul e branco, confeccionados pelos próprios menores em suas Unidades, num trabalho que vem envolvendo a todos e que já consumiu cerca de 300 metros de tecidos especiais. O entusiasmo dos jovens é muito grande diante do importante desfile do sábado de carnaval e nos preparativos estão envolvidos técnicos e funcionários da entidade dentro de uma participação global na confecção das fantasias e acessórios, além de animados ensaios nos próprios estabelecimentos, com a colaboração da empresa Visoaudi.

A bateria com 60 elementos promete ser um dos pontos altos do desfile, com a orientação do mestre "Carioca" e direção de harmonia de Carlão, acompanhando o samba-enredo de autoria de Carlos Alberto Borges, da Unidade Educacional "D. Paulina de Souza Queiróz".

O Bloco Maravilha que permite a participação dos menores na maior festa popular brasileira é resultado da orientação do secretário da Promoção Social, Antonio Salim Curiati.

Os 600 menores da Febem desfilarão a partir das 23h30 do sábado, dia 20, na avenida Luís Inácio Anhaia Mello, na Vila Prudente, com a orientação do jornalista Milton Rondas, presidente do Bloco Maravilha.

É a seguinte a letra do samba-enredo da Febem: Hoje sou criança/quero brincar/ nesta avenida/ vou bagunçar/ brincar de roda e/ soltar balão/ pulando amarelinha/ de pé no chão/ lá lá lá... atirei o pau no gato/ pega pega esta criança/ quero ver pegar/ lá lá lá lá... lá lá lá ó ó lá lá lá ciranda cirandinha/ meia volta vamos dar/ e hoje é carnaval/ vamos cantar/ para esta festa popular/ e hoje é carnaval/ vamos sambar com o bloco maravilha/ que acabou de chegar.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal:

Data:

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

LBA ajuda creche

em Salto de Pirapora

Est. CP. 06/02/82 p. 15
A Prefeitura de Salto de Pirapora vai prorrogar o convênio que mantém com a Legião Brasileira de Assistência — LBA — para a manutenção da Creche Municipal. A Legião Brasileira de Assistência está financiando o chamado "Projeto Casulo", iniciado em Salto de Pirapora em 1980. Na renovação do convênio está previsto o aumento do número de crianças assistidas, de 30 para 40, em regime de semi-internato.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha de São Paulo*

Data: *06/02/82*

Pág. *1*

Pasta n.º

N.º do recorte

**Prefeito vai
inaugurar mais
F. Tardi 6/2/82
seis creches**

Na próxima semana, o prefeito Reinaldo de Barros estará inaugurando mais seis creches, que irão abrir 900 vagas para crianças de zero a seis anos de idade, em áreas da Vila Maria-Vila Guilherme, Mooca, Freguesia do Ó São Miguel, Miguel-Ermelino Matarazzo e Vila Prudente.

Trata-se da quinta semana consecutiva de inauguração de creches, sendo que até o dia 3 de março terão sido abertas este ano 37 unidades em diferentes pontos da periferia da cidade de São Paulo, ampliando em 5.410 o número de vagas da rede municipal de creches.

As novas unidades têm área construída de 511,49 metros quadrados e capacidade para atender a 150 crianças. Com exceção de sábado, quando a creche municipal Jardim Santo André, situada na av. dos Sertanistas (Vila Prudente), será inaugurada às 10 horas, todas as unidades serão entregues às 19h30: segunda-feira, creche Parque Edu Chaves, na rua Basílio Alves Morango (Vila Maria-Vila Guilherme); dia 9, Jardim Santo Eduardo, na rua Lourento Silva Araújo (Mooca); 10, Jardim Almanara, na rua Dr. Mário Sanct's (Freguesia do Ó 11, Jardim das Camélias, rua Estremalim (São Miguel-Ermelino Matarazzo); e no dia 12, creche municipal Jardim Guancã, instalada na rua Soldado Ademar Ferrugem (Vila Maria-Vila Guilherme).



Amigas e solidárias

IREDE CARDOSO

Estamos a um mês do Dia Internacional da Mulher. Em São Paulo já conquistamos uma certa tradição para marcar essa data que relembra operárias assassinadas pela repressão, ao tentarem fazer greve nos Estados Unidos. Assim, esse dia nos adverte para todas as lutas que temos pela frente, porque, até o momento, a abertura de espaço concedida pelos meios de comunicação, como fruto de um esforço muito grande de uma feliz consciência de que é preciso prosseguir, caminha ainda, nos passos da conscientização.

Quando afirmamos que estamos apenas em processo de conscientização crescente, estamos lembrando que as mulheres continuam ganhando menos que os homens, pelas mesmas funções; que a maternidade é ainda uma instituição machista, embora cantada como a forma mais feminina de ser da mulher (e machista porque atribui todas as responsabilidades à mulher, numa sociedade que não lhe oferece infra-estrutura física ou psicológica para levar à frente a tarefa de socializar imaturos); porque cresce o número de mulheres, nos meios de comunicação, e um número bastante significativo não se interessa pelas informações já disponíveis sobre a situação da mulher na sociedade ou sequer mostra consciência de quanto seria importante seu engajamento nesse trabalho de multiplicar informações para torná-la uma cidadã de primeira classe.

Paralelamente, continua crescendo, entre as mais jovens, o interesse por essas questões. Isso significa que, ao menos, a consciência, na nova geração, vem sendo transmitida a contento.

Entretanto, enquanto prosseguem as reflexões sobre a situação do feminismo no Brasil e no mundo, vários grupos de trabalho vão sendo consolidados. A Casa da Mulher, da Frente de Mulheres Feministas, dará início a um programa de planejamento familiar, com atendimento médico e conscientização política; a Associação de Mulheres vai levando adiante seu projeto de instalar o Tribunal Bertha Lutz, que levantará todos os casos de discriminação contra a mulher; adiantamos também nosso projeto de alteração de Código Civil (Sílvia Pimentel e Floriza Verucci) que já se encontra no Congresso. E outros exemplos poderiam ser citados para reforçar a disposição de luta das mulheres conscientizadas.

É claro que tudo isso não se faz sem cansaço, sem esforço, sem encontrar, pela frente, os grupos que se auto-intitulam feministas e que apenas servem a grupos políticos e querem continuar na sinistra tradição de fazer as mulheres "servirem" a esses grupos. Entender a proposta de um feminismo libertário não será nunca uma tarefa fácil. Mas já aprendemos muita coisa sobre a questão do poder, da manipulação política, já descobrimos que é preciso estar muito atentas para não incorrer, em nossas organizações, nos mesmos erros das instituições que aí estão, reproduzindo, dentro de si, esquemas machistas de opressão.

Uma das questões mais discutidas por aquelas que participaram da coordenação do 1.º, 2.º e 3.º Congressos da Mulher Paulista (não confundir com outro grupo que se diz também coordenador do 3.º Encontro, por favor) é a dos frutos que esses congressos nos têm trazido, em termos de benefícios ao desenvolvimento político da mulher. E muitas de nós consideram que a luta pelo poder, desses partidos estranhos que ainda querem ver a mulher servil, não pode ser estimulada por aquelas que almejam um mundo de luta pela liberdade.

Por isso, há uma decisão que vem crescendo: deixaremos que as autoritárias continuem fazendo enormes manifestações de massa, nas quais a última a ser lembrada é a mulher — especialmente no seu Dia Internacional —, para partir para uma comemoração mais de congratamento, festa e alegria. Não disputaremos presidências, secretarias; não veremos mulheres esquecidas de seus problemas específicos ou levantando bandeiras que devem ser levadas em conjunto com os homens, nunca separadamente. Lutaremos para que a nossa especificidade seja mantida, numa perspectiva política geral, penetrando em partidos, sindicatos, com nossas idéias. E, para nos unir, uma grande e alegre festa que reforçará a disposição de continuarmos amigas, solidárias e sem ressentimentos.



Dona Phyllis, um tipo "aiatolá" americano, exorbita em seu fanatismo.

Mulher, a pior inimiga da mulher

IREDE CARDOSO

Quando dizemos que a mulher é ainda um forte e grande inimigo da mulher, não estamos exagerando. Nos Estados Unidos, uma das mais caras reivindicações da população feminina conscientizada de seus direitos e da discriminação que sofre é a da introdução, na Constituição, de emenda que estabeleça a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Vejam que nós, "em desenvolvimento", estamos, teoricamente apenas, muito mais à frente do país-centro do capitalismo, porque a nossa Constituição proíbe qualquer discriminação de cor, religião ou sexo.

Pois bem, há mais de 20 anos, as mulheres americanas lutam por esses direitos, que, para tornarem-se constitucionais, precisam ser votados pelos Estados americanos. Dos 50 Estados americanos, 35 já votaram favoravelmente. Mas 5 estão ameaçando voltar atrás. E a data para que essa tortura, que se repete ano após ano, chegue ao final é 30 de junho. Se mais uma vez as mulheres americanas saírem derrotadas, mais um ano de luta pela frente. Como tem sido.

Pois bem, a maior inimiga dessa emenda é a sra. Phyllis Schlafly, 56 anos, mãe de 6 filhos, que ama ser a "executiva do lar" exige dedicação total às tarefas domésticas e aos filhos e que sempre agradece ao marido, Fred, por "permitir" que ela faça essa campanha pelos EUA.

Sem dúvida, nunca pusemos em questão o fato de haver mulheres apaixonadas pelas tarefas femininas tradicionais. Consideramos, inclusive, o valor econômico dessas tarefas, o valor do papel da mãe etc. Mas podemos considerar que a dona Phyllis — a aiatolá norte-americana — exorbita sua fanática crença, lutando para impingir a todas as mulheres uma idéia que deveria ser aprovada por elas mesmas, porque são elas que estão reivindicando. Um plebiscito, talvez, diria como se encontra a maioria das mulheres americanas. E, além disso, se a igualdade de direitos entre homens e mulheres americanos fosse decretada, as mulheres não seriam obrigadas a ter essa

igualdade. Há os que sonham em permanecer escravos, submissos, subalternos. E há, além de tudo, os líderes da submissão e da subalternidade, do medo à liberdade (lembrem-se de Hitler), como bem prova dona Phyllis. Esses ficarão nessa situação o quanto quiserem, porque o sistema baba de júbilo com tal opção. Mas não nos obriguem a seguir esses miseráveis passos. Afinal, que país é esse? E o país do sr. Reagan, da intervenção em El Salvador, das propostas de guerras "limitadas" — a voz de Reagan é a voz de dona Phyllis.

E essa senhora (senhora com acento circunflexo, que rima com caçarôlas, com circunflexo também. Experimentem), afinal, já recebeu tortas de maçã, no mais autêntico estilo pastelão, de um cidadão revoltado com suas atrasadinhas posições. Segundo ele, maternidade e torta de maçã fazem parte da tradição americana. (Embora o crescimento da população seja lá, igual a zero). É claro que a questão da maternidade precisa ser cada vez mais pensada, para que nós, mulheres, decidamos qual a forma mais feminina de fato de maternidade. Porque a que está aí é machista.

E dona "Torta de Maçã" luta contra a legalização do aborto, o lesbianismo e a homossexualidade de modo geral. Ela diz que não pode aceitar que homens e mulheres sejam iguais. Nós também. Mulher é diferente do homem, só dona Phyllis não sabe. Acho.

Bom, essa história é muito triste para nós mulheres e para todos os homens sensíveis que cada vez mais entendem que sua liberação depende também da nossa, que as crianças só poderão viver num mundo mais justo, quando não houver qualquer tipo de discriminação. E, então, fazemos nossas as manifestações da Comissão de Igualdade Oportunidades, de Londres, consternada com dona Phyllis: "Sentimos muito". E continuamos a depositar nossa esperança em nossa luta.

Gostaria muito que Paulo Francis falasse de dona Phyllis. Aposto que ele está apaixonado por ela...

Feminismo americano vive momento crucial

IREDE A. CARDOSO

Um dos mais temíveis resultados da luta feminista, de acordo com a sensibilidade da sociedade em que se insere, é a da receptividade de suas reivindicações. No mundo de mediocridade em que se vive, especialmente nos Estados Unidos, com a grande burrada da eleição de Ronald Reagan e sua política intervencionista nas lutas internas de países sul-americanos com governos inimigos da população. É claro que a decisão de Reagan está dentro de uma sistemática política, interna, toda ela horrorosa, especialmente no que se relaciona com a luta libertária das mulheres.

As notícias que nos chegam, dão conta de que o movimento feminista americano está passando por um momento crucial, ao tentar, mais uma vez, introduzir uma emenda na Constituição favorável à igualdade de direitos entre os sexos. O neoconservadorismo do presidente deu força a todos os movimentos retrógrados americanos que se empenham, no momento, em coligação, para impedir a aprovação da emenda, já que ela precisa do apoio de 38 Estados, dois terços do total e, até o momento, apenas 35 aceitaram assiná-lo. O prazo para que essa luta seja perdida ou vitoriosa é 30 de junho. Estão contra a igualdade de direitos entre homens e mulheres: o movimento conservador, grupos religiosos, como "Máioria Moral" do pastor Jerry Falwell e, não se esqueçam, brasileiros e brasileiras, a Igreja Mórmon (além do próprio presidente, ex-ator canastrão do cinema americano (Por que será que Reagan sempre me lembra o Lindomar Castilho?))

A QUESTÃO DA DEMOCRACIA

O chefe da Casa Branca foi votado pelo povo americano, pois não? E isso coloca a questão da democracia. Difícil, hein? Será que democracia é mesmo o resultado da luta dos grupos organizados? E será que nesses grupos, entre eles, não haverá algum mais privilegiado economicamente? Ou a luta é dura e desigual e tem que ser assim mesmo? O fato é que os que são favoráveis à emenda — homens e mulheres — têm saldo às ruas para colher assinaturas.

A deputada republicana de Nova Jersey, Millicent Fenwick (ela é do partido do Reagan), mostra-se indignada com o fato de que, em alguns Estados americanos, a legislação confie muito mais no irmão do morto, não importa se ele é ou não uma pessoa respeitável (sendo homem...) para administrar assuntos familiares, que na mulher que viveu com o defunto, enquanto era vivo, claro. Como se pode ver, nem só no PDS temos dissidências.

SAUDÁVEIS ELEIÇÕES

Também a legalização do abortamento vem sofrendo ataques sistemáticos do ultraconservador senador Jesse Helms (mistura de James com Matt) e do movimento "Direito à Vida", formado por pessoas que nunca pensam nas crianças desamparadas, mas implicam com as mulheres que não desejam, por vários motivos, ser mães.

E o movimento feminista mais organizado nos EUA, é a National Organization for Women, conhecido por NOW. E, é claro, não será esse tipo de barreira que impedirá o prosseguimento dessa luta. Além disso, 1982 também é ano eleitoral nos EUA e as feministas vão fazer o máximo de pressão para dar seus votos cuidadosamente. Ah, como eleições são saudáveis.

A presidenta do NOW, Eleanor Smeal, esteve ao lado dos expoentes da oposição democrata americana e dos líderes sindicais em setembro do ano passado, durante manifestação de 250 mil pessoas, nas ruas de Washington, para protestar contra a política econômica do sr. Reagan. A NOW tem 125 mil associados e Eleanor afirma que as mulheres estão cada vez mais politizadas, fazendo "listas negras" de candidatos reacionários às causas feministas.

AGENTES DA CIA?

"A questão da igualdade das mulheres perante a lei não morrerá no dia 30 de junho", diz ela. "O movimento feminista prosseguirá sua longa caminhada". E nós aqui, também chelas de problemas, estamos ao lado dessa luta. Porque democracia pressupõe igualdade e o exemplo dos EUA, nessa área, tem sido lamentável.

E o que dizer, também, da URSS, onde continua reinando o machismo, em escala diferente, já que as feministas que se atreveram a se manifestar foram presas ou fugiram? Quatro delas chegaram à França e escreveram uma bela obra sobre a questão. Agentes do CIA? Revisionistas? Não: o fato é que o mundo, se está ruim para quase todos, é pior ainda para as mulheres.

Sempre estão querendo decidir por nós. Caramba! E, como eu dizia no início, essas razões negativas à luta pela igualdade de direitos fará as mulheres endurecerem. E tchau, feminilidade tão adorada, que pode permanecer, desde que vivamos entre cavalheiros e cavalheiras, dos que acendem cigarros para o outro, dos que abrem a porta, dão prioridade para a amabilidade, seja para mulheres ou homens, sejam mulheres ou homens; oferecem cadeiras, tudo isso que faz a vida gostosa. Já sabemos, o dia em que a chamada feminilidade (que pode ser masculina, sem discussões) desaparecer, tremam todos. Acho que a história dessa luta pela igualdade de direitos, das mulheres americanas, explica uma porção de coisas, especialmente, o porquê da expressão "ladies first".

Médico diz que leite materno evita asma

13/02/82 p. 15

Aproximadamente 5 milhões de brasileiros sofrem de asma, a maioria crianças, e esse índice está preocupando o setor de Alergia e Pediatria da Escola Paulista de Medicina. Para reduzir a doença, o médico Charles Naspitz recomendou ontem às mães que amamentem seus filhos no maior espaço possível de tempo, considerando isto como cuidado básico de prevenção.

Segundo Charles Naspitz, chefe do setor de Alergia e Pediatria da EPM, a asma é uma doença incurável que provou a diminuição da capacidade das vias aéreas apresentando-se em crises de tosse, chiado no peito e falta de ar. Em alguns casos a asma brônquica chega a provocar incapacidade física e até ameaçar a vida.

Naspitz admitiu que a doença seja hereditária: "Há uma predisposição a doenças alérgicas, conhecida como atopia, que aparece mais em algumas famílias do que em outras. É mal que ocorre em determinados períodos, havendo ocasiões em que a respiração é normal".

As crianças devem ser amamentadas com o leite materno durante, no mínimo, os primeiros seis meses, mas existem outros recursos que, segundo o médico, deveriam ser utilizados. Um deles seria afastar, dos pacientes, poluentes e substâncias químicas como o pó caseiro, pêlos de animais, mofo, inseticidas e fumaça de cigarro. "Não é nas grandes cidades onde há maior índice de doentes asmáticos", observou Naspitz.

O professor Naspitz observou que a asma pode ocorrer devido a problemas emocionais, mas afastou a desnutrição como causa.

Há vários medicamentos que podem ser usados como forma de prevenção contra a asma, mas não há, no Brasil, atualmente, nenhum administrável por via oral. No entanto, vários países europeus dispõem do Cetotifeno, droga específica para prevenção da asma brônquica.

Quinze faculdades brasileiras têm desenvolvido estudos sobre o efeito do Cetotifeno, que terá seu lançamento oficial no Brasil dentro de pouco tempo. Outros produtos continuam em fase de pesquisa, podendo ser comercializados dentro de três anos. Embora se constituam em importante avanço terapêutico esses novos medicamentos devem ser utilizados em conjunto com os métodos tradicionais, sempre que necessário, uma vez que o tratamento exige análise cuidadosa de cada paciente, alertou Charles Naspitz.

Mas, no Brasil, somente agora a prevenção da asma começa a ser adotada, com as entidades médicas ligadas à alergia e imunologia programando mesas-redondas em nove Estados para estudar o assunto. O primeiro encontro da série será realizado segunda-feira à noite na Escola Paulista de Medicina, sob a coordenação do professor Charles Naspitz.

SIMPÓSIO

De 16 a 19 deste mês, no Clube Monte Líbano, em São Paulo, será promovido o I Simpósio Internacional de Urologia Pediátrica, com a participação de 45 cientistas estrangeiros. O simpósio será coordenado pelo presidente da Sociedade Brasileira de Urologia Pediátrica, Sami Arap, e incluirá temas como transplante, sexo indefinido e câncer urológico em crianças.



Com Betty Friedan, corajosa reavaliação da luta das mulheres

IREDE CARDOSO

Belíssima a reflexão que Betty Friedan — uma das pensadoras feministas americanas do início da última onda do movimento de mulheres — fez a respeito da situação em que se encontra a população feminina dos Estados Unidos no atual momento. Embora tenha falado a respeito do assunto no ano passado, só agora os jornais brasileiros decidiram divulgar sua análise. E não tão recatada como da primeira vez que Friedan chegou até nós, a imprensa exibiu alguns de seus pontos de vista, às vezes com isenção, às vezes com algumas distorções.

Mas permaneceram muitos dos critérios machistas que acompanham o entendimento do que Betty Friedan falou sobre homens e mulheres. Houve quem não perdoasse o fato de a pensadora americana fazer reparos a sua posição inicial, da mesma forma que a imprensa brasileira apontou para a má pintura no seu rosto ou na anágua aparecendo, no nariz adunco etc. etc. quando ela veio ao Brasil há mais de dez anos. Sinto muito dizer, mas foram mulheres que fizeram isso. Mulheres ainda sem consciência de que eram devoradas por uma subcultura masculina (onde ainda estão, até hoje, muitas delas), falando do gueto da subcultura feminina, inferiorizada, empossando a voz e aprontando as mãos para bater na máquina as letras da dominação. Compreensível.

Pois Betty Friedan fez uma nova avaliação do movimento feminista. Falou sobre a necessidade de homens e mulheres lutarem juntos pela igualdade de direitos — o que, para nós, já é uma velha verdade —, lembrando que no seu início o movimento feminista nos EUA foi um pouco sectário, nesse sentido.

Assinalou também que há uma tendência para as mulheres reavaliarem a família, revalorizando esse aspecto da vida, tentando coordenar a individualidade com a maternidade e a "esposidade". Disse ainda que as mulheres atualmente sentem-se amarguradas porque estão sendo tratadas pelos homens como seres inferiores — tudo como antes no quartel de abranes. E falou com tristeza. Ai é necessário lembrar que as mulheres americanas estão passando por um momento realmente crucial. Elas lutam para que a Constituição acolha a emenda da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Se não conseguirem até 30 de junho, talvez nunca mais, neste século. E não é difícil entender a situação em que se encontram, quando se vê que a população americana elegeu mr. Reagan, um conservador empedernido, que não só ajuda a exterminar o povo salvadorenho, como estimula a desigualdade de direitos entre homens e mulheres. Muito coerente.

O que Betty Friedan não está tendo, no meu modesto ponto de vista, é a visão histórica mais ampla da situação da mulher na sociedade. Ela sempre foi considerada reformista e o reformismo, não há como duvidar, leva as pessoas a lutarem em vão, a se cansarem, a se impacientarem. A situação da mulher só deverá se realmente transformar se, além da organização, da consciência da especificidade do problema social da população feminina, concomitantemente, houver uma transformação mais ampla da estrutura sócio-econômica. E, é claro, esse é um processo que não tem prazo nem data marcada para acontecer. Ele irá acontecendo, conforme nossa maturidade política, com luta e alegria.

E as pessoas que sequer lêem orelhas de livro e deitam falação precisam saber que Betty Friedan não condenou a luta pela legalização do aborto, mas criticou a linguagem (do feminismo americano que ela ajudou a desenvolver em que o homem era sempre colocado como ser odioso. Belíssima autocrítica. Nós, aqui no Brasil, nunca cometemos esse erro. E também foi perspicaz, quando notou que nenhuma das bandeiras de luta das feministas poderia estar desligada do mais geral, em termos políticos. Creches, salários iguais, direitos iguais, distribuição de renda etc.

O trabalho de análise "O Próximo Passo do Feminismo", de Friedan, publicado no New York Times Magazine, mostra que as mulheres erram como qualquer pessoa, mas que têm coragem de sentir e perceber no que erraram e o que é necessário consertar. Mas é preciso ler o artigo inteiro, para que não se faça o que a imprensa aqui fez: pincar trechos que isoladamente deturpam todo o significado da reflexão de Friedan. Os alfabetos mentais costumam achar que "os outros" é que são imbecis.

Marília: plano para construção de creches

MARILIA (FT) — Nesta semana a diretoria executiva da Associação de Proteção às Mães Solteiras se reunirá para estudar meios para os planos já entabulados de construção de creches, escolas e lares para membros da entidade, muito embora, segundo seu presidente José de Lima, algumas dificuldades ainda existem diante da falta de união entre as mães para que a entidade possa concretizar suas reais finalidades.

Com a reunião que será realizada numa das salas cedidas pelo Centro Comunitário do Jardim Bela Vista, os vários assuntos a serem tratados reforçarão o trabalho que a diretoria vem desenvolvendo para dinamizar a sua existência. Entre os assuntos que serão abordados, a palavra será dada a cada uma das filiadas à entidade para se saber como elas estão encarando o trabalho até então desenvolvido, tendo em vista que a entidade foi fundada para dar amparo a mãe solteira, desde o início da gestação, no parto e durante o tempo de criação dos filhos, orientando-as na alimentação e no sentido de orientar seus filhos durante o tempo de educação escolar.

Diante das muitas dificuldades que enfrentam as numerosas mães solteiras existentes na cidade, os mentores da Associação querem dinamizar o movimento para conscientizar os militantes da política local para darem maior apoio à entidade.

MAO-DE-OBRA

Durante o mês de janeiro, o índice de atendimento feito pelo Departamento de Trabalho que abrange a Região informou que houve satisfatório atendimento não só em Marília como também nas cidades de Tupã, Assis, Ourinhos e Pirajú.

No período, de acordo com informações daquele órgão, foram feitos 626 cadastramentos, através de pessoas que foram em busca de uma colocação, e desse número registrado 397 foram admitidos em diversas empresas, com um aproveitamento porcentual de 67% sobre os encaminhados e colocados.

Outras informações afirmam que ainda naquele período foram coletadas 304 vagas e cadastrado no setor de colocação 143 empresas.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *O GLOBO*Data: *16/02/82*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Projeto Marco criará 50 creches-mãe em São Paulo

SÃO PAULO (O GLOBO) — O secretário Roberto Paulo Richter, que preside os Grupos de Assessoria e Participação (GAPs), disse ontem que, com o Projeto Marco, serão construídas 50 creches-mãe, uma em cada região de São Paulo, tendo a participação comunitária como base de funcionamento e manutenção.

— Para dar o exemplo de que a comunidade unida tem condições de resolver o problema da criança, será feito um trabalho de conscientização dos empresários vitoriosos em suas atividades, para que eles contribuam com sua capacidade gerencial, independente de suas contribuições financeiras — acrescentou o secretário.

Richter enfatizou que “a comunidade, representada por todos os seus segmentos e, principalmente, pela sua classe dirigente, empresarial, está sendo convocada a viabilizar o Projeto Marco”.

— As empresas, com seus contadores, economistas, planejadores, médicos, assistentes sociais, nutricionistas, diretores de relações humanas e outros, profissionais experimentados em todas as áreas, vão participar das creches-mãe, dirigindo-as de forma a apresentar resultados compatíveis com a capacidade empresarial. Com isso, em curto prazo, serão criadas condições para que mais de 300 mil crianças permaneçam várias horas por dia em locais adequados, alimentadas, assistidas e iniciadas em sua educação para possibilitar o seu pleno desenvolvimento — disse Richter.

Ele explicou que “foi a idéia do GAP de Polícia Comunitária do 15º Distrito Policial, de se construir e equipar uma creche e mantê-la com a participação voluntária da comunidade daquela região, que fez nascer o Projeto Marco”.

MORTALIDADE

O presidente dos GAPs citou recente estudo da ONU, de que, das 130 milhões de crianças nascidas em todo o mundo em 1981, 12 milhões morrerão antes de completar o primeiro ano. Relacionando esses dados com o Brasil, onde nasceram 3,5 milhões de crianças em 81, cerca de 300 a

350 mil delas não deverão completar o seu primeiro ano.

— Outra causa do agravamento do problema de saúde em criança até a idade de um ano — prossegue o secretário — é a forma do seu aleitamento, pois existe o desconhecimento generalizado das vantagens da utilização do leite materno em relação aos chamados produtos “preparados”. Divulga-se, até constantemente, que o leite “preparado” seria de melhor qualidade, em função de seus valores nutritivos — a que, está comprovado, não passa de uma grande inverdade.

Richter explicou que “o leite “preparado” exige a adição de água e cuidados especiais de conservação e as populações carentes não conseguem com facilidade essas condições”.

— Assim, o leite “preparado” torna-se mais uma bomba de efeito retardado, que prejudica diretamente a criança. A vantagem do leite “preparado” aparece nos casos de impossibilidade do aleitamento materno. Nesse caso, o ideal seria a comunicação efetiva da forma higiênica de prepará-lo e conservá-lo — afirma ele.

CONVIVENCIA

O secretário Paulo Richter acentua que “a criança, concomitantemente, tem absoluta necessidade de frequentar centros de convivência infantil, as creches”.

— As creches agrupam um conjunto de atividades, da alimentação aos cuidados com a sua saúde, complementadas com o início de sua pré-educação, no período importantíssimo de sua vida, que vai até os seis anos de idade — disse.

Richter informou ainda que “todas as pesquisas e consultas feitas à população, especialmente em São Paulo, revelaram o interesse da maioria em colocar os seus filhos em creches”.

— Considerando-se a média ideal de 120 crianças por creche, em área construída de 500 metros quadrados, a infraestrutura de manutenção custaria Cr\$ 10 milhões mensais — disse o secretário, concluindo —. E São Paulo precisaria hoje de pelo menos duas mil creches. Daí a importância da participação comunitária, através do Projeto Marco.

Para lembrar

“A situação do negro faz com que ele se organize para lutar contra a opressão”.

Reginaldo Bispo Pereira,
da comissão executiva nacional do Movimento Negro Unificado de São Paulo.

F-8 18/2/82 p 16
**Moradoras do Cambuci
reivindicam uma creche**

Uma comissão de moradores do bairro do Cambuci vai iniciar esta semana a coleta de assinaturas para um documento reivindicando a construção de uma creche na praça José Vicente Nóbrega, no lugar onde hoje existe um centro esportivo municipal totalmente abandonado. O abaixo-assinado deverá ser entregue ao prefeito Reinaldo de Barros em audiência a ser marcada no próximo mês.

A necessidade de uma creche na região foi levantada há quatro meses por uma reportagem de um jornal de bairro do Cambuci. Algumas moradoras se interessaram pelo assunto e, entusiasmadas, resolveram levar a idéia adiante e formar uma comissão. O argumento que as incentivou foi o fato de não existir nenhuma creche mantida pelo governo no bairro — só particulares e um núcleo mantido pela Igreja na Vila Monumento, que fica muito longe. Com isso, as mulheres que precisam trabalhar fora têm que deixar seus filhos com vizinhos e parentes, na base da colaboração, ou pagam altas mensalidades em berçários e escolinhas. Esse problema ainda é agravado pela falta de áreas de lazer e centenas de crianças que moram no Cambuci não têm nem onde brincar.

Há dez anos, essa mesma luta por uma creche animou o bairro. Afinal, o terreno onde está instalado o centro esportivo era apenas uma área sem nenhuma utilidade, cheia de mato e com um imenso buraco no meio. O movimento das moradoras do Cambuci organizou então seu primeiro abaixo-assinado, pedindo que o terreno fosse aterrado e

recebesse uma creche. Apenas a primeira solicitação foi atendida e o bairro ganhou a sua praça José Vicente Nóbrega.

Ignorando a reivindicação da creche, a Prefeitura decidiu, há quatro anos, construir um centro esportivo no local — com quadras de esportes, anfiteatro ao ar livre, vestiários e playground — que nunca chegou a funcionar oficialmente, segundo os moradores. Eles afirmam ainda que a Prefeitura nunca contratou funcionários para manter e fiscalizar o centro, que está completamente abandonado, tomado pelo mato, com brinquedos enferrujados e quebrados, sem condições de ser frequentado.

“É um absurdo ver um espaço tão grande abandonado, quando temos tantas crianças aqui que não têm onde brincar nem onde ficar quando os pais estão trabalhando”, explica Nilda Regina Pereira Rodrigues, que mora há 32 anos no bairro. Ela é uma das moradoras que lidera a comissão e seu interesse em conseguir a creche é muito grande: está grávida de dois meses e pretende continuar dando aulas depois que o nenê nascer.

A mobilização das moradoras também ganhou a adesão de profissionais liberais que trabalham no Cambuci, como é o caso de um grupo de psicólogos de uma clínica de Psicologia Integrada. Uma delas, a pedagoga Nancy Bruni Marx, explica que se envolveu no movimento a partir do momento em que percebeu que sua equipe poderia dar “um apoio de conteúdo na luta pela creche.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal Est. SP
Data 18/07/82
Pág. 18

Pasta n.º _____

N.º do recorte _____

DDT contamina leite materno na Espanha

MADRI — A quantidade de DDT encontrada no leite materno das mulheres espanholas é muito superior ao nível de tolerância fixado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), segundo uma pesquisa feita pelo médico Luis Hernandez, do Instituto Espanhol de Química Orgânica. Em entrevista publicada ontem no jornal *El País*, ele afirmou que a quantidade de pesticidas encontrada no leite materno é tal que, se tivesse de ser comercializado, "o Ministério da Saúde não poderia autorizar a venda".

Os níveis de heptacloropoxidea, de dieldrin e de DDT — pesticidas organoclorados — chega a 1,29, 4,86 e 8,12 vezes, respectivamente, os níveis toleráveis. Já a quantidade de lindane é quatro vezes inferior ao nível máximo aceitável.

A pesquisa indica, assim, que a Espanha ocupa o quarto lugar do mundo neste tipo de contaminação, só superada pela Argélia, Guatemala e Polónia. Depois da Espanha, os países onde a contaminação é maior

são a União Soviética, Bélgica, Inglaterra e Alemanha Ocidental. No entanto, as cifras dos outros países referem-se ao período 70/74, quando o DDT ainda não estava proibido, enquanto o índice espanhol foi obtido entre abril e julho do ano passado.

PESQUISAS

A Organização Mundial de Saúde divulgou ontem, depois de seis anos de estudos, as normas internacionais para as pesquisas científicas com seres humanos. Sob o título de "Experimentos em Seres Humanos e Ética da Medicina", o livrete lançado pela OMS será enviado aos Ministérios de Saúde e faculdades de Medicina de todo o mundo.

Foram estabelecidas duas etapas na regulamentação ética das pesquisas. A primeira delas é o consentimento consciente das próprias pessoas e a segunda um exame da pesquisa proposta, inclusive dos meios de busca do consentimento, por um organismo de pesquisadores, independente e qualificado.



Mulher, crença e realidade, mas sem porco de marzipã

Irede Cardoso

Sempre me preocupou o fato de nosso mais auto-suficiente correspondente aqui da "Folha", meu colega Paulo Francis, discorrer sobre tudo e todos com uma "leveza" notável. Mas quando fala sobre mulher, a coisa — apesar de ainda preocupante — fica engraçadíssima. Seus pontos de vista têm o dom de despertar as iras e revoltas mais terríveis de muitas mulheres aqui na redação — e eu acho que elas têm muita razão. Por isso, um debate público sobre esse assunto só poderá fazer bem. Agradeço, pois, ao brilhante Francis, nosso machista de plantão, ter tido a delicadeza de se dispor a responder a algumas alfinetadinhas, talvez, diria, porque do propalado "sexo fraco".

Continuo pensando se ainda há mulheres que acreditam nas coisas que Francis fala sobre mulher. E isso é possível. Dai a importância desse papo público. Francis, quando você fala da antifeminista Phyllis Schlafly, fala como sempre fala de qualquer mulher: um prato de batatas fritas, que, com molho, até que você gostaria de provar. Sobre gosto não se pode discutir. Mas confundir comida com mulher é dose. Você pode imaginar que uma mulher é "também" um ser humano? De minha parte, costume, não sei se por condicionamento ou formação, olhar homens e mulheres como seres humanos.

Também não tem importância se a Steinem, ou a Marilyn French (aliás, recomendo muito "Mulheres", seu livro. Há coisas interessantes nele), foi ou é agente da CIA, porque uma das coisas boas de se aprender é que as generalizações são simplistas. Não sei se estou equivocada, mas parece que quando você diz que uma feminista é da CIA, quer insinuar (?) que todas seriam. Eu não sou. Muito menos me preocupam os detalhes do comportamento sexual da Steinem. Creio que terá parceiros à altura, não?

Quanto à "líder do lar" Schlafly, suas informações são interessantes. Eu não sabia sequer que ela trabalhava fora de casa, uma vez que prega que a função da mulher é ser dona de casa. Mais um ponto negativo para essa sua namorada, Paulo. Um pouco de coerência, afinal, não faz mal a ninguém, ou não?

A LEI, ORA A LEI

E as informações que obtive sobre a Emenda de Direitos Iguais, a "ERA", foram retiradas de publicações aí da terrinha. E tem mais, Paulo, não vai acabar com a luta, não, porque a vida a gente não mede pela idade que se tem. Outra insinuaçãozinha sua é a de que teríamos desconfiança de homens. Esse é sempre um erro que se comete graças a um fenômeno que Freud chamou de projeção. Já pensou nisso?

Quanto à inocuidade da "ERA", Paulo, você não pode sequer imaginar o que significa ser discriminada na prática e na lei. Se a lei mudar, nos EUA, será consequência de um grande debate público e produzirá maior conscientização. Você fala como se a lei de nada valesse. Vale sim, quando podemos fiscalizar sua aplicação. Veja, aqui nós somos iguais perante a lei maior, mas a imensa maioria não tem consciência disso. E um trabalho a ser feito, mas já há um bom respaldo legal. E uma pequena diferença notável. Quanto à Rosa Luxemburgo, usei seus livros para dar aulas no 1.º ano da Universidade Mackenzie, quando lá lecionava Ciência da Comunicação. Evidentemente, para discutir economia, não feminismo. E preciso que as fontes sejam adequadas ao assunto que se deseja conhecer, não acha? Respeito opiniões, mas prefiro pesquisas em cima de dados.

Também me espanta que você não tenha observado que esses "benefícios" estendidos às mulheres, pela legislação, nada mais são que discriminações pouco aparentes apenas àqueles que não desejam se aprofundar na análise. Se eu fosse casada com você, Paulo, eu preferiria ter um salário suficiente para pagar meu advogado, se precisasse. Você cultiva a idéia de que as mulheres gostam de ser dependentes economicamente? Não posso acreditar. Mas é claro que toda sociedade que paga menos ao trabalho da mulher tem "mauvaise conscience" e isso aparece nessas malfadadas leis "protecionistas." Um dia, talvez, os juizes serão, não só homens, como mulheres, e estarão mais sensíveis a essas discriminações.

LUTA CORPORAL

Porque o machismo não é um fenômeno típico do comportamento masculino. Não generalize de novo. Lembro-me de que, em algum momento em sua vida, você era chegado numa luta corporal. Li em algum lugar. Daí você dar tanta importância às comparações de ordem física. Não topo esse tipo de confronto, mesmo porque, até agora, não precisei competir com homem algum na base do vapt, vupt. Isso já era. Se a gente começa a fazer esse tipo de comparação, vai dizer que mulher tem isso, homem não tem; que mulher é mais aquilo e aquilo outro. Vale? Infantilidade. Os dois juntos podem ser uma maravilhosa combinação. Sou fã.

Não sei se você sabe, mas há feministas na cadeia. Na União Soviética. Serve para você provar alguma coisa? Pense nisso. Há até uma publicação a respeito, feita pelas que fugiram e conseguiram ser acolhidas em Paris. Procure informar-se, porque vale a pena. E tem mais, Inessa Armand era mesmo amante de Lênin; e Lênin era o amante de Inessa. Você já pensou nas coisas sob esse ângulo? Sugiro que leia, além dela, também a Kollontai. Vai ser bom.

Quando você entra na questão de classe social, comete uma série de equívocos. Basta que eu cite apenas um fato, aqui do seu Brasil: temos uma Associação de Donas-de-Casa, da periferia, que existe há 17 anos e é feminista. Elas propõem divisão do trabalho doméstico com o companheiro, ao menos no fim de semana, restaurantes e lavanderias populares, prazer amoroso e tudo o que têm direito. Agora, por que tanto preconceito contra a classe média? Você não gosta de quem tem mais tempo para escrever? Pensar? Estudar? Olha, a projeção, de novo. E, além das intelectuais que você citou, que desprezam o feminismo, poderia acrescentar muitas mais. Não é novidade. A subcultura desprezada sempre tem uma saída torta para enfrentar essa situação objetiva de discriminação: sair sozinha para conquistar o mundo masculino, negando sua condição social. É absolutamente compreensível.

Foi o feminismo que derrotou o Papá, na Itália, na legalização do aborto. E, não se esqueça: quem morre de aborto feito em péssimas condições de higiene, não é só a classe média. São 400 mil mulheres que morrem, por causa disso, no Brasil. Advogar a igualdade salarial, não é questãozinha de classe média: no Brasil aumenta o número de mulheres chefes de família e elas têm filhos. A América Latina tem 80 milhões de crianças marginalizadas. E questão de sobrevivência. Ter prazer com o amor, é uma questãozinha de classe média? Você acredita que mulher pobre só deve reivindicar mais feijão?

Não mando um porco de marzipã para você, Paulo. Gostaria apenas que se informasse e refletisse mais. Afinal, você tem um bruto espaço nos meios de comunicação, e ganha o suficiente para comprar o seu próprio porco.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FLHA* *St. A. M.*Data: *21/02/82*Pág. *22*

Pasta n.º

N.º do recorte

f. 32 **Associação
quer verba
F/CP 21/2/82
para creches**

²²
MARILIA — A diretoria executiva da Associação de Proteção às Mães Solteiras vai se reunir para estudar a forma de obter recursos para a construção de creches, escolas e lares para membros da entidade.

A reunião vai ser realizada em uma sala cedida pelo Centro Comunitário do Jardim Bela Vista e contará com a participação de várias filiadas da associação, que farão uma análise do trabalho que vem sendo desenvolvido. A entidade foi criada para dar amparo à mãe solteira, orientando-a desde o início da gestação, no parto e durante o tempo de criação dos filhos.

Feminismo

Lembrete à nossa censora - mor

IREDE CARDOSO

Dona Solange Hernandez não é personagem de novela mexicana. Ela é nossa censora-mor. E há coisas que d. Solange, uma moça extremamente culta, com vários cursos universitários e que já foi até discriminada por ser considerada "avançada". Anda fazendo que nos deixam até espantadas. Toda nossa solidariedade, com relação à discriminação. Mas, dona Solange, alguma coisa me deixou muito preocupada com sua censura na novela "Brilhante", da TV Globo. Não que eu veja novelas, porque, de fato, não disponho de tempo. E infelizmente, porque gostaria muito de vê-las com frequência. Mas me preocupam as mães solteiras e seus filhos, evidentemente.

Mas a minha preocupação com esse tipo de questão está ligada ao fato de, sendo mulher, entender que toda mulher tem o direito de ter quantos filhos quiser, ou não ter nenhum, com ou sem companheiro. E também porque tenho acompanhado de perto o drama de inúmeras mães que, casadas, são abandonadas e vivem como mães solteiras com seus filhos, sendo, portanto, na prática, chefes de família. Embora a lei lhes negue esse direito.

Também como mulher, preocupam-me as razões que levaram dona Solange a cortar uma cena em que Luiza (Vera Fischer) anuncia, com alegria, o fato de que espera um bebê. Luiza é solteira. Sua irmã, psicóloga (Joanna Fomm) — na novela — recebe a notícia com alegria. E isso perturbou dona Solange que viu, aqui, provavelmente, um solerte estímulo à maternidade solteira.

Não importa para ela, portanto, a mãe ou a criança, mas a solteirice. E, o pior, a atitude alegre e descontraída com que a notícia foi dada e recebida. Ora, o que me perturba é essa censura a um sentimento, a uma atitude que eu, aliás, já vi estampada no rosto de muitas mães solteiras. Que, com muito sacrifício e sozinhas — diga-se de passagem — e sem a ajuda da Censura, criam seus filhos dentro da melhor educação. Mas essas são de classe média. As outras, a grande maioria, não têm recursos para criar seus filhos e é claro, a Censura nunca procurou ajudá-las. A Censura não está interessada em perguntar primeiro o

que leva uma mulher a ter filhos sendo solteira; segundo, se esse desejo ou fatalidade deveriam ser evitados, de acordo com a vontade dessas mulheres; terceiro, se essas mulheres, quando desejaram esse filho, não tinham inúmeras razões; e quarto, se não desejaram, se o melhor não seria abrandar a censura e permitir maior educação sexual nas escolas e nos meios de comunicação.

Sim, porque na TV Mulher a sexóloga Martha Suplicy, durante muito tempo, tinha que entregar relatórios sobre o que iria falar sobre sexualidade em todos os programas. Para a Censura.

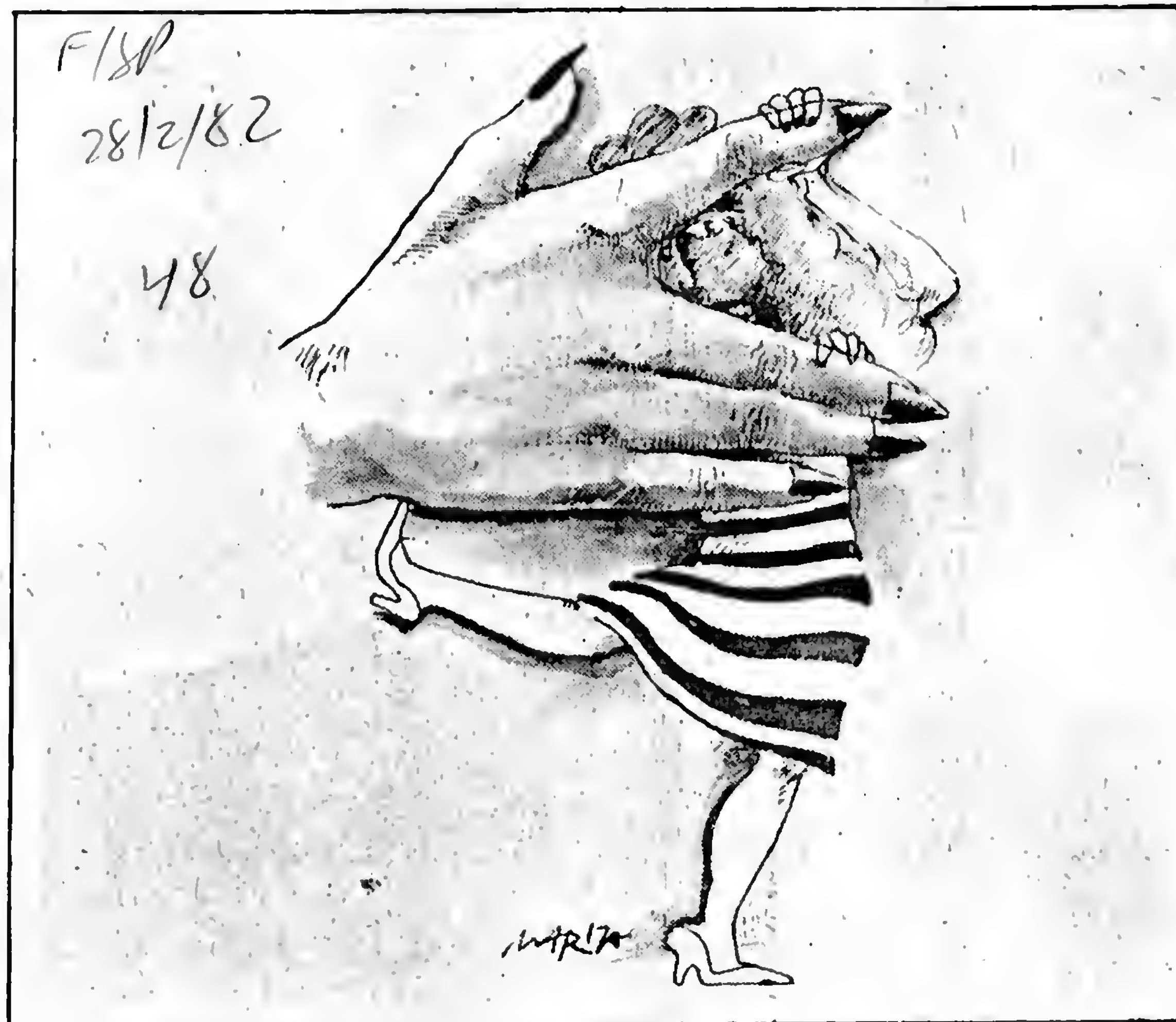
A sra. pode ver, dona Solange, que tamanha contradição não dá para ser assimilada por qualquer pessoa de bom senso. Se a sra. tem muita cultura e informação, como me foi dito, a sra. poderia respeitar também a capacidade de estudo e informação de Martha Suplicy. Conhecer-lhe o currículo e seus objetivos. Mesmo que isso lhe custasse a desistência do trabalho que vem exercendo.

Ou, talvez, quem sabe, seria melhor que a sra. ficasse aí mesmo, porque, como dizem alguns, poderia

vir um pior. Sabe que eu não concordo com essa tese. Ela me cheira a desculpa evasiva. Deixemos que a fina flor ocupe os lugares que merece. E nós estaremos, juntos, lutando pela liberdade, pela alegria, pelo prazer, mesmo que essa alegria e esse prazer contrariem certas regras institucionais.

E Imaginar ou supor que esse tipo de censura, sobre mães solteiras, sirva para desestimular as mulheres desse País é algo terrivelmente ingênuo, pois, para se evitar uma gravidez, é necessário educação sexual sem repressão. É necessário que possamos legislar sobre nossos próprios corpos. Mas, sobretudo, é necessário que possamos ter a liberdade de expressar nossas emoções sem medo de censura ou punição.

Quando uma mulher trabalha para que as emoções sejam institucionalizadas, é sinal, dona Solange, de que as mulheres ainda têm muito a andar. Mas nós estamos andando, em nossos grupos, com discussões, procurando transmitir conhecimentos e, sobretudo, quando temos prazer em ser mães, mesmo que solteiras.



Feminismo

O clamor das discriminadas

IREDE CARDOSO

Um concurso da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos só para homens, com dois anos de estudo, com bolsa integral, mulheres casadas que não podem ser aceitas nas Forças Armadas; com estardalhaço "permtiu-se" que mulheres pesquisadoras fizessem parte de um trabalho de pesquisa no Pólo Norte, promovido pela Marinha, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica que não admite mulheres em seu curso de graduação. Estão aí os fatos para mostrar um pouco do machismo, nessa terra, oficial. Nós, mulheres, das forças desarmadas, vamos ter que esperar muito tempo ainda para que ouvidos fiquem sem impedimento e escutem o clamor das discriminadas. Eta clamor comprido, esse.

Aproxima-se o nosso Dia Internacional, 8 de março de 1908. Já fizeram as contas? E muito tempo. Mas estamos aí, firmes, meio cansadas, às vezes, mas lutando sempre. Lembrando a Lais, gaúcha de 17 anos, que foi vendida por seu tio, por quase 500 mil cruzeiros, na Jordânia; ou da gaúcha, vereadora do PMDB que foi impedida de entrar num concurso de causos, em Pelotas, por ser mulher. Sob a alegação que essa era a tradição: "Mulher não entra." "Não é machismo, é tradição", disse o secretário de Cultura. Vamos dar uma risadinha?

Dêem uma espiada na televisão, no dia em que políticos ou membros do governo aparecem: cadê as mulheres? Estão lavando pratos, cuidando dos filhos, usando aspirador, máquina de lavar, liquidificador, batedeiras, enceradeiras, minimixer? Progresso, heim?



Mas, sem rancores ou ressentimentos — é fundamental falar sobre isso, caso contrário, lá vem crítica — as feministas estão dispostas a fazer uma comemoração, aqui em São Paulo, mais descontraída. Antes, havíamos pensado num carnaval, dia 8, com mulheres fantasiadas de "bóbis" no cabelo, carrinho de supermercado ("mulher miníia só dirige carro de bebê ou em supermercado" — dito de um automóvel, cujo dono era japonês), donas de casa etc. Fantasiar-nos de nós mesmas. Mas a idéia foi retirada em tempo, porque uma outra turma — que não é bem amiga das feministas — decidiu uma "marcha". E marcha não combina com Carnaval. A não ser que fosse marcha carnavalesca. Mas não era.

No fundo, no fundo, tem gente que acredita que pão e prazer são reivindicações de classes distintas. Como o pão é para os pobres, o prazer seria para os ricos. Que miserável concepção de vida tem essa gente. Para eles, o pobre não pode ter prazer, que diabo?! Mas, felizmente, não só tem, como quer ter, especialmente a

mulher. Bom, dia 8 vamos estimular o movimento autônomo de mulheres. Isto quer dizer: nenhuma mulher irá "servir" a um partido, ela precisa ter suas reivindicações incluídas em seus programas. Chega de servidão. Estão querendo, ainda, fazer da gente massa de manobra. Isso não queremos. Por isso, a "ordem geral" da cabeça e do coração das mulheres é elaborar uma carta-programa de reivindicações que será apresentada a cada partido, a cada candidato. Tem que haver comprometimento, se não nada de voto. Nem o Estado poderá ser nosso patrão. Nós é que sabemos quais são as nossas prioridades, nossas lutas, em função de nossas necessidades objetivas. E a opção partidária de cada uma precisa ser respeitada, ressalvadas a subserviência e a opressão. E as mulheres estão aí se organizando nos bairros, em pequenos grupos, lutando por creches, por miradia, por escolas, por esgoto, asfalto, democracia dentro e fora de casa.

São formas de luta dispersas, numa luta comum que não precisa de uma instância centralizadora, nesse momento, com intenções óbvias de imprimir uma direção a esse movimento ainda sem experiência acumulada de organização.

No dia 8 de março, vamos relembrar nossas lutas e mostrar o que já conseguimos fazer de concreto. Mas vamos fazer tudo isso de modo gostoso, "feminino", o feminino que nós estamos criando, com postura crítica dirigida a tudo o que nos dizem que é ser feminino, mas que não passa de opressão disfarçada, na maioria das vezes.

E música, muita música que fale da mulher. E ainda uma caminhada pela cidade. Detalhes virão ainda esta semana. Aguardem.